

A poesia e seu veículo em tempos pós-utópicos: *Cacto* “no espelho”

Fabiula dos Santos Schauffert¹

Cacto é mais uma das revistas literárias dedicadas à criação poética contemporânea que surgiram na cena cultural, principalmente a partir da década de 90, muitas delas temporárias, outras de vida longa, já adentrando o século XXI, como *Inimigo Rumor*. Apresenta-se de forma simples, não utilizando sofisticados recursos gráficos, nenhum recurso visual, somente as letras pretas sobre o papel. Seu suporte é semelhante a um livro: poucos diriam tratar-se de uma revista, não fossem as capas coloridas, impressas com letras pretas, em que se anuncia o título da revista e o número, que dá idéia de periodicidade, ainda que esparsa, dado que oito meses foi o intervalo entre a primeira publicação (agosto, 2002) e o segundo número. Este não vem marcado por data, mas pela estação do ano – “outono 2003” –, que poeticamente anuncia a mudança de tempo, um novo ciclo, um novo número, que representa um grande avanço para uma modesta revista, a qual conta com o auxílio de uma livraria e editora (Alpharrabio) e de uma gráfica. Além disso, para ser publicado, o periódico contou com subscrição, como registra em seu texto de abertura do primeiro número, no qual os editores, os poetas Eduardo Sterzi e Tarso de Melo, agradecem a contribuição de amigos e colaboradores.

A revista surgiu a partir da colaboração de amigos e parece querer ser identificada muito mais pelas múltiplas vozes que a configuram do que pelas figuras de seus editores, como deixa entrever nos próprios textos de *Apresentação* (nela assim nomeados). Estes não vêm assinados por seus editores, o que sugere um trabalho coletivo, anônimo, mas que, ao mesmo tempo, quer ser identificado como *Cacto*.

Na *Apresentação* do segundo número da revista, um trecho da fala da poeta argentina Carolina Jobbág, em entrevista, recebe um destaque pela forma como é citado. A citação é motivada pela convergência entre a posição que a poeta assume, ao ser indagada sobre o lugar de sua poesia na produção poética argentina contemporânea, e o

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq sob orientação da Professora Dra. Maria Lucia de Barros Camargo.

“projeto mínimo de *Cacto*, resolutamente desafeito ao sectarismo, interessado antes na poesia que possa haver, e há”².

Se por um lado a *Cacto*, através dos diálogos que estabelece entre o texto de abertura e o que publica em suas seções, acaba por reforçar seu caráter coletivo, por outro, rejeita a idéia de grupos fechados em certas tendências, recusando-se a pré-estabelecer critérios e valores que possam sugerir um certo tipo de militância estética, como a que se via nas revistas literárias que reuniam um certo grupo de artistas, que se tornaram signos de movimentos vanguardistas.

Contudo, no atual contexto da produção literária, já não faria sentido publicar uma revista de caráter programático, tal como as revistas de vanguarda, tampouco pensar num movimento de vanguarda. Um certo modo de ser vanguarda começou a manifestar seu esgotamento a partir dos anos 60, até atualmente “parecer relativamente absurdo extemporâneo encontrar um grupo de poetas produzindo em torno de algumas idéias, reunindo-se etc.”³

Como podemos ler com Haroldo de Campos, o momento que hoje vivemos é “pós-utópico”, porque já não há mais um princípio-esperança, uma utopia – condição *sine qua non* para o surgimento de grupos de vanguarda. Entende-se aqui vanguarda como movimento, como “trabalho em equipe, a renúncia às particularidades em prol do esforço coletivo e do resultado anônimo”, o que só pode ser “movido por esse motor elpídico (do grego “elpis”, expectativa, esperança).”⁴

A saída para a poesia do presente é uma poesia pós-utópica/pós-vanguarda, após o “princípio-esperança, voltado para o futuro”, o que tem-se é “o princípio-realidade, fundamentalmente ancorado no presente.”⁵ Esse princípio-realidade parece ser o que norteia a revista *Cacto*, como se pode depreender a partir de seu texto de abertura, em que afirma estar interessada na poesia que há e na poesia do porvir, e no espaço que reserva à criação poética contemporânea, o qual ocupa a maior parte da revista, além de reflexões críticas

² *Cacto – poesia & crítica*. n. 2. São Bernardo do Campo: Alpharrabio, 2003, p. 6.

³ POLITO, Ronald. Notas sobre a poesia no Brasil a partir dos anos 70. *Cacto – poesia & crítica*. n. 2. São Bernardo do Campo: Alpharrabio, 2003, p. 63.

⁴ CAMPOS, Haroldo de. Poesia e modernidade: o pós-utópico. *Folhetim*. n. 04. São Paulo: Folha de São Paulo, 14 out. 1984, p. 4.

⁵ Ibid., loc. cit.

sobre essa produção, que também figuram nas páginas da revista, ainda que em menor proporção, se comparadas aos textos poéticos.

Cacto mostra que, ao se ancorar no presente, na poesia que se continua produzindo, já não o pode fazer sem revisitá-la “criticamente” o passado, sem o qual talvez não haveria a possibilidade de uma poesia do agora, como enfatiza no texto de abertura – “Não há presente viável sem a constante eleição de momentos necessários do passado”⁶. Caberia verificar o que a revista elege desse passado e do presente.

A ausência de uma determinação de critérios ou proposta estética que direcionaria a revista, atuando na seleção do material a ser publicado, ao contrário do que poderia suscitar, não pretende criar um ambiente propício para a “facilidade” ou para o “vale tudo”. *Cacto* já não enseja “uma poética da abdicação”, que sirva de “álibi ao ecletismo e à facilidade”⁷.

De maneira geral, o que se pode depreender da produção poética que compõe a revista é um certo rigor no trabalho com a linguagem, buscando tirar dela o próprio efeito poético, deslocando o poema da lógica do significado e da sintaxe, através dos cortes abruptos.

Embora critérios e valores não sejam explicitamente enumerados e nomeados, fala-se de “qualidade”, a qual, por sua vez, nem sempre é claramente definida. O termo aparece aqui e ali, de forma dispersa, e às vezes fica apenas subtendido.

No primeiro número da revista, o texto de abertura apresenta a seção de criação poética, dedicada à poesia contemporânea como um testemunho de que a produção atual não é apenas numerosa, como também primorosa, ou, por outra, que tem “qualidade”. Mais do que testemunho, esse espaço da revista, quer dizer, quer servir de resposta (que antes é pergunta que certeza).

A seção “poesia contemporânea brasileira: poemas” é sugerida como possível “resposta àqueles que insistem em vazar seu ressentimento sobre a poesia contemporânea: aqui [na seção], ela se mostra forte e variada como poucas vezes se mostrou”⁸. Ao colocar-se dessa forma, a *Cacto* não pretende afirmar-se através de uma oposição, mas mostrar aquilo mesmo que a engendra, que a impulsiona – a poesia do presente, a poesia que existe,

⁶ *Cacto – poesia & crítica*. n. 2, op. cit., p. 5.

⁷ CAMPOS, Haroldo de. Poesia e modernidade : o pós utópico, op. cit., p. 4.

⁸ “Apresentação”. *Cacto – poesia & crítica*. n. 1. São Bernardo do Campo, 2003. p.05.

não só no agora, como a que ainda pode vir a se realizar, sem que, com isso, pretenda prenunciar um futuro para a poesia, pois a revista, tal como a “poesia pós-utópica do presente”, já não quer determinar um futuro, nem para a poesia, nem, consequentemente, para si mesma.

Assim a revista parece traçar sua trajetória concomitantemente à poesia que há no presente em que ela emerge, cuja possibilidade de realização torna possível (ao mesmo tempo em que passa a significar) sua própria existência. Como se pode depreender a partir do editorial, se assim podemos chamá-lo, publicado no segundo número da revista,

Não houve grande mudança no panorama em que há cerca de oito meses, *Cacto* surgiu: a poesia contemporânea brasileira ainda se mostra vigorosa na razão da grande quantidade de livros, revistas, *sites*, eventos de que tem sido objeto (e sujeito) não só de lá para cá, mas já há alguns anos. No período entre nosso primeiro número e este, foram lançadas novas edições de diversas revistas de poesia que já estavam no “mercado”, e outras revistas começaram a ser produzidas e divulgadas; poetas jovens surgiram em livro ou nas várias publicações que circulam pelo país, e outros deram novos passos em seus percursos já delineados.

A *Cacto* chega a seu número 2 num ambiente em que ainda é possível avançar, como pretendemos desde o início, no passeio plural pelo que de mais inquieto – em poesia, em tradução, em crítica – se produz entre nós e nos arredores, sempre expansíveis, que cada vez mais se interpenetram com a poesia brasileira.⁹

A *Cacto* parece realizar aquilo mesmo que diz pretender, dentro de um ambiente em que ainda é viável para tal intento – publicar o que considera de mais expressivo na criação poética da cena atual, o que considera mais instigante à reflexão crítica – conjugando as tarefas de poeta-crítico-tradutor, em todos os casos, leitor. As fronteiras que separam essas tarefas tornam-se um limiar, interpenetram-se. O mesmo se dá com a fronteira que separa o presente do passado, a poesia da “agoridade” e a tradição poética que a antecede.

A tarefa do tradutor parece ser o que possibilita o apagamento das fronteiras lingüísticas e temporais, das fronteiras que separam a leitura da escritura, a crítica da criação. E por isso a importância da prática da tradução, que também recebe um espaço considerável na revista – que em seu segundo número traz uma entrevista com Mallarmé, publicada pela primeira vez em 1891, traduzida para o português pelo poeta Eduardo Sterzi, e traduções de poemas de Paul Valéry por Cláudio Nunes de Moraes, acompanhadas do original em francês.

A “poesia da agoridade” – tal como se dá a ver na *Cacto*, poesia que já não é apenas o “objeto” da revista, como também “sujeito” – tem na “operação tradutora”

um dispositivo essencial [...]. O tradutor na expressão de Novalis ‘é o poeta do poeta’, o poeta da poesia. A tradução permite recombinar criticamente a pluralidade dos passados possíveis e presentificá-la, como diferença, na unicidade ‘hic et nunc’ do poema pós-utópico¹⁰.

Dessa forma, ao lançar um olhar para o que está fora de seus “arredores”, tanto temporalmente, como geograficamente, a revista acaba por obter sua própria imagem. A partir daquilo que publica, vai adquirindo seu(s) perfil(is), seu(s) rosto(s), suas significações.

Talvez não por acaso, *Cacto*, ao justificar a tradução de nomes já tão “incorporados pela poesia do Brasil e do mundo” – Mallarmé, Valéry –, deixa entender uma certa visão que se coaduna com a perspectiva crítica de um dos mais representativos nomes do Concretismo no Brasil.

Não nos parece demasiado para nenhum idioma e sua poesia que autores tão seminais atravessem as fronteiras lingüísticas e temporais pelas mãos competentes de poetas-tradutores de gerações diversas. Incorporar o passado criticamente (toda tradução ponderada nos oferece uma interpretação e uma crítica do passado) é uma tarefa inevitável para os homens e mulheres responsáveis do presente. Não há presente viável sem a constante eleição de momentos necessários do passado e o simultâneo descarte de momentos desnecessários.¹¹

A aparição dos irmãos Campos se dá de diversas maneiras na revista, como no primeiro número, de capa vermelha¹², em que o poema que abre a seção de criação poética

⁹ CACTO. Apresentação. *Cacto – poesia & crítica*. n. 2, op. cit., p. 5.

¹⁰ CAMPOS, Haroldo de, op. cit., p. 05.

¹¹ “Apresentação”. *Cacto – poesia & crítica*. n. 2, op. cit., p.5.

¹² O que lembra a forma como Augusto de Campos se refere à revista dos concretos, *Invenção 3* (1962), “o número vermelho”, numa entrevista concedida a Eduardo Sterzi e Tarso de Melo. Ver em: *Cacto – poesia & crítica*. n. 1. São Bernardo do Campo: Alpharrabio, 2002. p. 186.

– *Faça o que faça* – é um “inédito” de Augusto de Campos, cujo suposto título¹³ contém em si, se não todo o poema, ao menos a primeira estrofe.

Faça
o que
faça

o que
quer
que

quei
ram
que

faça
não
faça

faça
o que
quer

Faça o que faça¹⁴

Se forem suprimidos os cortes sintáticos que marcam cada verso, ou seja, se os colocarmos numa disposição linear, teremos a sentença “faça o que faça”, que aparece ao final, como um título ao contrário, sugerindo a ciclicidade do poema, como se ele retardasse o seu fim ou não pudesse realizá-lo. Cada final é também um recomeço, em que se tem outra leitura do poema, com outras combinações de palavras, que acenam para infinitas possibilidades de construções sintáticas. A quebra que separa cada verso aponta para a maneira como o poema requer ser lido – ao desmantelar a unidade sintática, o poema reforça a separação entre os elementos dispersos, ao mesmo tempo em que os deixa livres para serem recombinados incessantemente, de maneira que cada leitor recria o poema.

Esse procedimento construtivo parece ser o mesmo utilizado em um poema de Frederico Barbosa, o qual é apresentado como um “fragmento” de um certo livro inacabado.

¹³ Suposto, porque este sintagma – “faça o que faça” – é colocado ao final do poema e, sendo assim, não dá para saber se é mesmo o título do poema ou um verso deslocado e disposto na ordem linear da sintaxe, diferindo dos outros que são projetados para romper com a unidade sintática.

¹⁴ CAMPOS, Augusto de. *Faça o que faça. Cacto – poesia & crítica.* n. 1. São Bernardo do Campo: Alpharrabio, 2002, p. 7.

nascer no sol
marca

cresce ao sol
lasca

ser do sol
rasga¹⁵

Outro poema, também publicado nesse número, que apresenta um modo semelhante de operar com a sintaxe e de dispor os versos na página, é *O animal pedra*, de Eduardo Sterzi.

o animal pedra
– tímido que só –
não suspira

repousa
– dia sim –
na treva¹⁶

A publicação desses poemas parece articular o que propõe a revista: publicar a produção atual, sem perder de vista produções já instituídas. O inédito de Augusto de Campos, um dos principais representantes do Concretismo, realiza essas duas proposições simultaneamente.

Dessa maneira, *Cacto* demarca os momentos do passado que considera “necessários”, momentos que elege, que resgata, seja por “simpatia literária”¹⁷ ou por encontrar neles alguma referência para os poetas da atualidade, cujas criações têm, ali, uma seção exclusivamente dedicada a elas.

¹⁵ BARBOSA, Frederico. “nascer no sol (...).” *Cacto – poesia & crítica*. n. 1. São Bernardo do Campo: Alpharrabio, 2002, p. 38.

¹⁶ STERZI, Eduardo. *O animal pedra*. *Cacto – poesia & crítica*. n. 1. São Bernardo do Campo: Alpharrabio, 2002. p. 67.

¹⁷ A expressão é de Eduardo Sterzi, no ensaio que escreve sobre a poética de Augusto de Campos, o qual inicia se perguntando se poderia haver uma “teoria da paixão ou da simpatia literária”. Ver em: STERZI, Eduardo. *Cacto – poesia & crítica*. n. 1. São Bernardo do Campo, 2002. p. 174.